



ENTRE O *FEED* E A LOUSA: UMA ANÁLISE DAS SUBJETIVIDADES DOCENTES NA ERA DA *CIBERCULTURA*

Eixo 9 - Educomunicação e Práticas Sociais e Tecnológicas

Nathaly Maria dos SANTOS¹

Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do NASCIMENTO²

RESUMO

O presente ensaio teórico analisa os impactos da cultura digital nas subjetividades docentes, a partir de uma revisão bibliográfica fundamentada nos trabalhos de André Lemos, Byung-Chul Han e Anna Bentes. Parte-se da compreensão de que a docência, no contexto da *cibercultura*, está sendo cada vez mais condicionada por lógicas de visibilidade, produção contínua e performance, atravessando as fronteiras entre o profissional e o pessoal. Estimulados por instituições e pelas exigências contemporâneas de modernização e engajamento, os professores passam a configurar-se como sujeitos “*instagramáveis*”, tensionados entre a demanda por presença digital e a manutenção de sua autoridade pedagógica. O texto discute os impactos desse processo na vida profissional e emocional dos docentes, incluindo o cansaço, a perda de privacidade e a pressão constante por atualização estética e comunicacional. Em vez de fortalecer a prática docente, tal dinâmica muitas vezes conduz ao enfraquecimento da autonomia e à diluição da identidade profissional. Conclui-se com a proposta de uma agenda crítica de pesquisa que explore alternativas à lógica da mercantilização da docência, bem como estratégias de cuidado e resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura; subjetividade docente; cultura digital; exposição midiática.

ABSTRACT

This theoretical essay analyzes the impacts of digital culture on teacher subjectivities, based on a bibliographic review grounded in the works of André Lemos, Byung-Chul Han, and Anna Bentes. It begins with the understanding that teaching, within the context of cyberculture, is increasingly conditioned by logics of visibility, continuous production, and performance, blurring the boundaries between professional and personal life. Encouraged by institutions and contemporary demands for modernization and engagement, teachers are increasingly shaped as “Instagrammable” subjects, caught between the demand for digital presence and the preservation of their pedagogical authority. The text discusses the impacts of this process on teachers’ professional and emotional lives,

¹ Doutoranda em Educação (UNIT). Mestre em Ensino de História pela Universidade de Pernambuco (UPE), graduada em História pela Universidade Católica de Pernambuco e Especialista em Gestão da Educação em espaço escolar e não escolar (FAFIRE). E-mail: nathaly.historia@gmail.com

² Professora e pesquisadora em Educação, bolsista de produtividade do CNPq desde 2012. Atua no Programa de Pós Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Tiradentes – UNIT, onde também leciona História da Educação nos cursos de Licenciatura. Doutora em Educação pela PUC-SP (2005) e Mestre pela UFS (2000), é líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (UNIT/CNPq). esterfraga@gmail.com



including fatigue, loss of privacy, and constant pressure for aesthetic and communicational updates. Rather than strengthening teaching practice, this dynamic often leads to a weakening of autonomy and the dilution of professional identity. The essay concludes by proposing a critical research agenda that explores alternatives to the commodification logic of teaching, as well as strategies for care and resistance.

KEYWORDS: Cyberculture; teacher subjectivity; digital culture; media exposure.

1 Introdução

A era digital tem promovido alterações estruturais nos modos de comunicar, produzir conhecimento e estabelecer relações sociais. A *cibercultura*, termo que designa o conjunto de práticas, valores e tecnologias associados à comunicação digital, reconfigura não apenas as dinâmicas sociais, mas também as subjetividades dos indivíduos que nela estão imersos (Lemos 2007; 2009). No campo da educação, essas mudanças impactam diretamente o fazer docente, remodelando o cotidiano dos professores, suas formas de atuação e, sobretudo, a maneira como percebem e vivenciam o próprio trabalho.

Nesse contexto, torna-se necessário refletir sobre as subjetividades docentes, entendidas aqui como o conjunto de experiências, afetos, sentidos e modos de ser e agir que atravessam o educador em sua prática cotidiana (Novaes, 2020; Schwantz; Alves; Weber, 2025). Elas não são fixas, mas moldadas por discursos, tecnologias, relações institucionais e demandas socioculturais, especialmente em contextos mediados pela lógica digital.

A atuação do professor, antes centrada em tempos pedagógicos relativamente delimitados, passa a ser atravessada por uma lógica de presença contínua, permeada por notificações, demandas instantâneas e exigências de produção constante. André Lemos (2019), ao tratar da *cibercultura* como território recombinate, destaca que o sujeito contemporâneo está imerso em uma condição de emissão permanente, onde produzir, publicar e responder se tornam comandos quase automáticos. Essa lógica se infiltra na docência, transformando o professor em um “nó informacional” que precisa estar sempre ativo, visível e produtivo.

Paralelamente, Byung-Chul Han (2018) analisa os efeitos desse novo regime sobre a psique e o corpo do sujeito contemporâneo. Para ele, vivemos sob o domínio de uma sociedade da performance, na qual a autoexploração se traveste de liberdade e a positividade excessiva dá lugar a um novo tipo de sofrimento: o cansaço. O professor, cada vez mais cobrado a desempenhar múltiplos papéis com excelência, torna-se um símbolo desse esgotamento silencioso, que corrói a potência criativa e o engajamento pedagógico.



Ao investigar os efeitos da economia da atenção e os mecanismos de impulsividade digital, Anna Bentes (2021) contribui para a compreensão de como os dispositivos tecnológicos capturam os sujeitos por meio de impulsos e automatismos. No caso dos docentes, isso se traduz em uma rotina marcada pela reatividade: responder mensagens, atualizar plataformas, lidar com sistemas, reagir a estímulos diversos, quase como um tique. O tempo da reflexão pedagógica cede espaço ao tempo da resposta imediata.

Diante desse cenário, este ensaio propõe discutir as subjetividades docentes em “colapso”, a partir de uma leitura crítica centrada na literatura de Lemos, Han e Bentes. Parte-se do pressuposto de que a prática docente contemporânea tem sido moldada por um conjunto de exigências tecnológicas e culturais que impõem ao educador a condição de um sujeito hiperconectado, performático e reativo; frequentemente esgotado. Por meio de uma revisão bibliográfica analítica, busca-se compreender como esses autores iluminam os tensionamentos que atravessam o trabalho docente na era da *cibercultura* e apontar possíveis caminhos para resistências éticas e reflexivas nesse novo território educacional.

2 Percurso Metodológico

Este ensaio teórico foi construído com base em uma revisão de literatura de natureza qualitativa, com o objetivo de analisar criticamente os impactos das reconfigurações digitais sobre as subjetividades docentes. A escolha metodológica se justifica pelo caráter exploratório e reflexivo da proposta, que busca articular conceitos, experiências e práticas a partir do diálogo entre autores contemporâneos cujas obras contribuem para compreender os efeitos da *cibercultura* nas esferas subjetiva e profissional da docência.

O percurso de construção do texto se deu em três etapas principais. A primeira consistiu na seleção do referencial teórico que lastreou a discussão, composto por obras que discutem, sob diferentes prismas, os efeitos das tecnologias digitais na constituição dos sujeitos.

A segunda etapa envolveu a análise conceitual integrada do material selecionado, buscando pontos de convergência e tensão entre os autores. A partir dessa leitura crítica, foram identificados eixos temáticos centrais para o desenvolvimento da argumentação, tais como: o excesso de visibilidade e exposição docente, o esgotamento vinculado à *performance* digital, e a dissolução do tempo pedagógico diante das lógicas da instantaneidade e da emissão contínua.



Por fim, na terceira etapa, procedeu-se à organização argumentativa do texto em torno do pressuposto assumido para o ensaio, de que o cotidiano docente, atravessado por tecnologias e plataformas digitais, opera sob uma lógica que intensifica o colapso das subjetividades docentes. Esse argumento orientou a redação do ensaio, estruturado em uma sequência articulada de análises que pretendem contribuir para a reflexão crítica sobre a docência na era da hiperconectividade).

3 Intersecções teóricas entre Subjetividade, *Cibercultura* e Condicionamentos digitais

Para compreender os impactos das reconfigurações digitais sobre o trabalho docente, é necessário lançar mão de um conjunto de conceitos que permitam iluminar as transformações contemporâneas nas formas de ser, agir e experienciar a docência. Esta seção tem como objetivo apresentar um breve referencial teórico que orientará a leitura crítica proposta ao longo do ensaio, situando o leitor quanto aos sentidos atribuídos à noção de subjetividade docente, bem como às principais categorias de análise mobilizadas a partir das obras de André Lemos, Byung-Chul Han e Anna Bentes. Essa escolha teórica não é aleatória: ela se ancora em uma compreensão da docência como um fenômeno complexo e multifacetado, atravessado por dinâmicas sociotécnicas que demandam novos olhares analíticos.

A compreensão das subjetividades docentes no contexto contemporâneo exige ultrapassar definições essencialistas e reconhecer a docência como um processo identitário em constante constituição, atravessado por dispositivos técnicos, relações de poder e regimes discursivos (Schwartz; Alves; Weber, 2025). Ser professor, nesse cenário, não é apenas ocupar uma função socialmente instituída, mas experienciar um campo de tensões onde se entrelaçam afetos, saberes, valores, expectativas institucionais e transformações culturais mais amplas. Trata-se, portanto, de compreender o docente como um sujeito em trânsito, cujas identidades são instáveis e moduladas pelas exigências contemporâneas de flexibilidade, adaptabilidade e presença contínua.

Ao adotar o termo subjetividade, opta-se por uma abordagem que entende o sujeito como efeito e agente de múltiplas forças, não apenas psicológicas, mas também políticas, sociais e tecnológicas (Novaes, 2020). Nesse sentido, a subjetividade docente é produzida no encontro entre corpo, linguagem, práticas pedagógicas e, especialmente hoje, plataformas digitais e mediações algorítmicas. O professor contemporâneo vive, muitas vezes, a necessidade de desempenhar papéis simultâneos: educador, gestor, produtor de conteúdo, comunicador multiplataforma, entre outros



(Costa; Espigão; Pinto, 2022). Essa multiplicidade de funções transforma a experiência docente em um lugar de fricção permanente entre o fazer pedagógico e o estar disponível digitalmente. Essa tensão evidencia não apenas uma sobreposição de funções, mas também uma reconfiguração do *ethos* docente, marcado por uma nova racionalidade comunicacional que exige visibilidade, responsividade e atualização constante.

Além disso, as subjetividades docentes são tensionadas pela cultura da responsividade imediata, que redefine a noção de compromisso profissional. O que antes era associado à presença em sala de aula e ao planejamento didático, hoje se expande para uma atuação contínua em espaços de comunicação assíncrona, como grupos de mensagens, plataformas educacionais e redes institucionais (Costa; Espigão; Pinto, 2022). Nesse cenário, o tempo de trabalho se estende de maneira quase invisível, e o engajamento esperado do professor passa a incluir não apenas sua competência técnica, mas sua capacidade de estar sempre presente, ativo e responsivo, uma forma de performatividade subjetiva altamente exigente e frequentemente exaustiva. O docente é, nesse contexto, constantemente interpelado por uma lógica de aceleração, que dissolve os contornos entre vida profissional e pessoal, ampliando o espectro de sua atuação para além dos muros da escola ou da universidade.

A construção dessas subjetividades se dá, portanto, em contextos marcados por dispositivos de controle sutis, em que o imperativo da autonomia e da inovação convive com a vigilância, a mensuração constante e a sobrecarga emocional. É nesse emaranhado de fluxos, demandas e transformações que o professor contemporâneo tenta sustentar sua prática e, ao mesmo tempo, preservar sua integridade subjetiva (Schwartz; Alves; Weber, 2025). A paradoxal exigência de autonomia tutelada e inovação padronizada transforma o cotidiano docente em uma arena de negociações permanentes, em que a própria noção de liberdade pedagógica é atravessada por métricas, indicadores e *rankings*.

Essa subjetividade é vivida nos entrelugares da experiência pedagógica, da burocracia institucional e das demandas afetivas e comunicacionais que marcam o trabalho docente. A prática educativa, nesse sentido, não é apenas técnica ou instrumental; ela é também um espaço de constituição do sujeito que ensina, sendo moldada por lógicas sociais e culturais mais amplas, como as da *cibercultura*, que será abordada a seguir. A docência emerge, assim, como prática situada e tensionada por múltiplos vetores, onde o agir pedagógico é permanentemente desafiado a produzir sentido em meio a contextos de crescente complexidade e ambivalência.



Segundo André Lemos (2007; 2019), a *cibercultura* não deve ser entendida apenas como um conjunto de dispositivos tecnológicos, mas como um território recombinate, onde práticas, linguagens, sentidos e subjetividades são constantemente rearranjados. A metáfora do "território" remete a uma espacialidade simbólica e relacional, que desloca e reconstrói fronteiras entre o público e o privado, o tempo livre e o tempo produtivo, o íntimo e o profissional. Nesse território, os docentes deixam de atuar em espaços delimitados e previsíveis, passando a ocupar zonas híbridas, nas quais sua presença é solicitada, vigiada e retroalimentada por circuitos digitais de alta velocidade.

Nesse território, o sujeito passa a ser condicionado a emitir, produzir e se fazer presente de forma contínua. Esse imperativo de visibilidade e emissão constante interfere diretamente na atuação dos professores, que, mediados por plataformas educacionais, redes institucionais e sistemas de mensageria, tornam-se nós conectados de um fluxo comunicacional incessante. A docência, assim, se insere em uma lógica onde o silêncio, a pausa e a elaboração dão lugar à instantaneidade da resposta e à multiplicação das tarefas. Esse deslocamento compromete o tempo de maturação das experiências educativas, favorecendo a superficialidade e o esgotamento intelectual e emocional dos profissionais da educação.

Complementando essa análise, Byung-Chul Han (2018), ao refletir sobre a dinâmica dos espaços digitais contemporâneos, propõe a ideia de um “enxame digital”, em oposição ao “público” constituído por ação e pensamento comuns. No enxame, os sujeitos não agem coletivamente, mas reagem isoladamente, de forma ruidosa e fragmentada. Essa configuração colabora para o colapso das narrativas duradouras e da construção coletiva de sentido, impondo um novo regime de comunicação: veloz, superficial e autoexpositiva. A comunicação educacional, inserida nesse regime, sofre rebaixamentos na sua qualidade e profundidade, o que impacta diretamente na formação crítica dos estudantes e no próprio *ethos* educacional.

No interior desse sistema, predomina a sociedade da *performance*, na qual os indivíduos são convocados a mostrar constantemente sua produtividade, motivação e capacidade de resposta. Para Han, essa lógica não gera apenas eficiência, mas sobretudo cansaço, um esgotamento vinculado à autoexploração e à exigência incessante de excelência. No contexto docente, essa condição se revela na sobrecarga de tarefas, na pressão por resultados, na exposição constante em plataformas virtuais e na diluição dos limites entre o tempo pessoal e o tempo profissional. A figura do professor



herói cede lugar ao docente fatigado, cujo capital simbólico é medido por métricas de engajamento, presença *online* e alcance institucional.

A esse cenário soma-se a análise de Anna Bentes (2022), que, ao investigar as formas contemporâneas de subjetivação digital, propõe a metáfora do “quase um tique” para descrever os automatismos e impulsos que regem nossa relação com os dispositivos conectados. Bentes mostra como os sujeitos internalizam um modo de estar no mundo em que checar notificações, responder mensagens e atualizar conteúdos se torna uma prática quase involuntária; um gesto repetido, fragmentado e capturado por algoritmos que regulam o tempo, o desejo e a atenção. A docência, nesse panorama, corre o risco de ser reduzida a uma prática reativa e fragmentada, distante dos ideais de escuta, paciência e diálogo que sustentam o processo educativo.

No caso dos professores, tais impulsos afetam diretamente a qualidade da experiência pedagógica, impondo uma lógica de reatividade que esvazia o espaço da escuta, da reflexão e da construção crítica do saber. A atenção, elemento central no ato de ensinar e aprender, é permanentemente desviada por notificações, demandas institucionais digitais e múltiplas camadas de conectividade. Preservar a atenção, enquanto prática ética e política, tornou-se um dos maiores desafios da educação contemporânea, especialmente em tempos em que a distração é sistematicamente monetizada e incentivada por estruturas tecnológicas hegemônicas.

4 Entre o *feed* e a lousa: o professor como produto da vitrine digital

No contexto contemporâneo, marcado pela hiperconexão e pela proliferação incessante de dados e imagens, a figura do professor passou a habitar também o território da *cibercultura*, um espaço fluido, recombinate e ininterruptamente atravessado por fluxos informacionais. Esse território, definido pela lógica da emissão constante, modifica radicalmente não só as formas de ensinar, mas também os modos de existir e ser percebido socialmente enquanto docente. O professor já não é apenas o agente da mediação pedagógica, mas também um sujeito interpelado pelas plataformas digitais a produzir, interagir e performar continuamente.

Essa lógica leva à ascensão do “professor *instagramável*”, uma figura híbrida, situada entre o educador e o influenciador. Trata-se de uma *performance* cuidadosamente modulada, em que a prática pedagógica precisa ser transformada em espetáculo visual, capaz de gerar curtidas, compartilhamentos e engajamento. A aula deixa de ser apenas uma atividade situada no espaço-



tempo da escola e torna-se também um conteúdo publicável, editável, replicável. O conhecimento se transforma em carrossel no *Instagram*, em *reel* de 15 segundos, em dancinha no *TikTok* com uma pitada de interdisciplinaridade.

A pressão por essa presença digital não parte apenas dos pares ou do próprio sujeito docente: é cada vez mais impulsionada pelas instituições de ensino, que veem na figura midiática do professor uma oportunidade de fortalecer suas marcas. O docente é convocado a se tornar embaixador da escola, vitrine do projeto pedagógico e ponte emocional com os estudantes, que também são entendidos como público-alvo a ser fidelizado. Em muitos casos, o docente precisa promover a própria escola nas redes, “vender” o diferencial da proposta curricular e apresentar um discurso alinhado à estética jovem e atual. Essa situação cria uma camada de responsabilização sobre o professor, que ultrapassa sua função formativa e passa a envolver tarefas de *marketing*, *branding* e gestão de imagem.

O problema é que esse movimento raramente é acompanhado de formação crítica, suporte técnico ou discussão ética. Ao contrário: ele ocorre de maneira naturalizada, embutido na noção de que o professor precisa “se atualizar”, “acompanhar os tempos” e “se reinventar”. A ausência de reflexão sobre os impactos subjetivos dessa exposição contínua gera um ambiente propício para o adoecimento emocional. A docência se torna mais um espaço colonizado pelo imperativo da *performance*, e o cansaço deixa de ser apenas físico ou intelectual; passa a ser simbólico e afetivo. A sensação de nunca ser suficiente, de precisar sempre estar produzindo e exibindo, mina a autoestima profissional e compromete o sentido do trabalho docente.

Além disso, essa lógica da exposição constante e da responsividade ininterrupta interfere nos limites entre o público e o privado. As redes exigem uma presença que é, ao mesmo tempo, profissional e pessoal. O professor compartilha momentos da aula, mas também sua intimidade, sua vida familiar, suas vulnerabilidades. A ausência de fronteiras torna a existência docente um fluxo contínuo, onde não há mais desligamento possível. A ideia de “estar de folga” desaparece quando se está sempre visível, sempre interpretável. A subjetividade do educador é, assim, invadida por notificações, avaliações externas e expectativas irreais; um processo que esvazia o direito ao silêncio e à pausa.

Outro ponto crítico é a monetização da imagem do professor. Com o crescimento do “*edu-marketing*” e da “economia da atenção”, muitos docentes se veem tentados ou pressionados a transformar sua prática em produto rentável. Vender cursos, parcerias, produtos didáticos, materiais



exclusivos torna-se parte do repertório profissional. Não há nada intrinsecamente negativo nisso; o problema surge quando essa monetização é confundida com valorização, quando o docente acredita que só será reconhecido se conseguir transformar sua prática em produto vendável. A pedagogia vira *commodity*, e o prestígio é medido por engajamento, não por aprofundamento.

Nesse contexto, instala-se um paradoxo: ao mesmo tempo em que se exige do professor uma atuação pública vibrante e inovadora, a própria escola parece se tornar cada vez mais refém de um modelo de educação performativa, onde o conteúdo é secundário diante da forma de apresentação. O professor que não entra no jogo digital é lido como ultrapassado, desatualizado, resistente à mudança. A crítica aos dispositivos é confundida com desinteresse; o cansaço, com desmotivação. Instaure-se uma pedagogia do entusiasmo permanente, onde não há espaço para dúvida, para desaceleração ou para recusa.

Essa cultura da positividade compulsória também contribui para a romantização do sofrimento docente. Professores que “fazem tudo com amor” apesar da sobrecarga, que “dão a vida pelos alunos” apesar das más condições, são celebrados como heróis. Esse discurso invisibiliza os mecanismos de exploração emocional e simbólica, e naturaliza um modelo de profissional que suporta tudo em nome da vocação. A crítica é silenciada, e o cuidado com o professor se torna um tema secundário diante da necessidade de manter a imagem da escola “em alta” nas redes.

É nesse cenário que emerge, com força, o movimento global de restrição do uso de celulares e redes sociais em sala de aula (Santos; Vasconcelos; Alves, 2024). Iniciativas em países europeus e, mais recentemente, em estados brasileiros, indicam uma tentativa de recuperar o foco e reduzir os impactos da dispersão digital nos estudantes. Curiosamente, essas medidas pouco discutem o impacto das redes sobre os docentes. Há um silenciamento sobre a necessidade de o professor também se desconectar, de poder se resguardar, de recuperar a centralidade do vínculo pedagógico presencial. A crítica aos celulares, feita em nome do rendimento e da saúde mental dos estudantes, não se estende à realidade de professores atravessados por notificações e algoritmos o tempo todo.

Essa assimetria escancara uma profunda contradição do projeto educacional contemporâneo: queremos estudantes concentrados, mas professores hiperconectados; defendemos o foco, mas exigimos presença digital contínua. Enquanto o estudante é orientado a fechar a tela, o professor é obrigado a mantê-la aberta. Isso revela não apenas uma incoerência institucional, mas também uma desvalorização simbólica da condição docente, como se o professor estivesse imune aos efeitos do excesso, da visibilidade e do esgotamento digital.



Reverter esse quadro exige mais do que regulamentações técnicas. Implica repensar o modelo de subjetividade que está sendo produzido pela educação midiaticizada. É necessário recuperar o valor do tempo lento, da escuta, do anonimato, do processo. É preciso que a escola seja um espaço de cuidado com quem ensina, e não apenas uma vitrine de inovação. A resistência à lógica das redes não é um atraso: é, muitas vezes, um gesto ético. E talvez a educação precise reaprender a valorizar esse tipo de gesto.

5 Considerações finais: entre algoritmos e afetos; repensar a docência

O presente ensaio teve como objetivo refletir sobre a *cibercultura* na constituição das subjetividades docentes, em especial diante do fenômeno da exposição midiática do professor, que passa a ser interpretado, estimulado e muitas vezes pressionado a atuar como um sujeito "*instagramável*", inserido em lógicas de visibilidade, *performance* e produção contínua. Buscou-se, ao longo da discussão, tensionar os efeitos dessa nova configuração sociotécnica sobre a prática pedagógica, os sentidos do trabalho docente e as condições subjetivas de quem ensina.

A análise desenvolvida revelou que a atuação docente, no contexto atual, está atravessada por uma série de dispositivos que extrapolam a dimensão da sala de aula e adentram o território da *cibercultura*. O professor é convocado a estar presente nas redes, a divulgar sua prática, a transformar-se em conteúdo, a corresponder a expectativas de jovialidade, dinamismo e engajamento. Esses processos não apenas moldam novas formas de presença e de mediação pedagógica, mas também introduzem pressões e desgastes muitas vezes invisibilizados no debate público sobre a educação.

Foi possível observar, também, como essa cultura da exposição altera a fronteira entre o público e o privado, entre o trabalho e a vida pessoal, tornando a docência uma atividade potencialmente contínua, vigiada e atravessada por julgamentos instantâneos. A estética da inovação e da atualização permanente pode esconder um regime de exploração emocional e simbólica que se naturaliza sob o manto do entusiasmo e da vocação. Ao mesmo tempo, a mobilização recente em torno da limitação do uso de celulares por estudantes evidencia uma preocupação crescente com os impactos da hiperconexão no ambiente escolar, preocupação essa que precisa, com urgência, ser estendida também ao corpo docente.



Como desdobramento desta reflexão, propõe-se uma agenda de pesquisa voltada a aprofundar o debate sobre os seguintes temas:

- a) Subjetividade docente na era digital: investigações qualitativas sobre os efeitos da exposição digital na saúde mental, identidade profissional e motivação de professores, especialmente nas redes públicas de ensino.
- b) Políticas institucionais e redes sociais: análise crítica das formas como escolas e secretarias de educação utilizam as redes sociais como vitrine, e como isso impacta o cotidiano docente.
- c) Cultura da influência e mercantilização da educação: mapeamento e análise de como práticas docentes são transformadas em produtos consumíveis e como isso altera o sentido do trabalho pedagógico.
- d) Resistências e alternativas: investigações sobre experiências de recusa, desaceleração, ou uso crítico das redes por parte de professores e instituições de ensino.

Ao contribuir para esse debate, este ensaio não pretende oferecer respostas definitivas, mas abrir espaço para novas problematizações sobre o lugar do professor, em meio às demandas de “*digital influencer*” nas redes digitais. Reconhecer os impactos da *cibercultura* nas subjetividades docentes é um passo fundamental para a construção de políticas mais humanas, ambientes pedagógicos mais respeitosos e uma cultura educacional que valorize o silêncio tanto quanto a fala, o processo tanto quanto a entrega, e o professor enquanto sujeito, e não apenas enquanto conteúdo.

Nesse sentido, espera-se que as reflexões aqui reunidas possam subsidiar não apenas a produção acadêmica, mas também decisões pedagógicas e institucionais que contribuam para o fortalecimento ético, emocional e profissional de quem sustenta, cotidianamente, o ato de educar em tempos digitais.



Referências

BENTES, Anna. **Quase um tique:** Economia da Atenção, Vigilância e Espetáculo em uma rede social. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

COSTA, Breno G. S.; ESPIGÃO, Helga S.; PINTO, Marcelo R. Professor ou Youtuber? A crise da COVID-19, as mudanças de práticas sociais e a adoção de tecnologias para o ensino remoto. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, maio/jun. 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame:** perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

LE MOS, André Luiz Martins. Cibercultura como território recombinate. In: MARTINS, C. D.; SILVA, D. C. e; MOTTA, R. (org.). **Territórios recombina ntes:** arte e tecnologia. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2007. p. 35-46.

LE MOS, André Luiz Martins. Desafios atuais da cibercultura. **Jornal Correio do Povo**, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 15 de junho de 2019.

NOVAES, Adelina. PROFESSOR É UMA PESSOA: Constituição de subjetividades docentes na periferia de São Paulo. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 59–79, jan. 2020.

SANTOS, Willian Lima; VASCONCELOS, Alana Danielly; ALVES, Manoel Messias Santos. Smartphone em sala de aula: vilão ou aliado para o ensino e aprendizagem? Reflexões a partir de relatórios da UNESCO. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 609–623, 2024. DOI: 10.17564/2316-3801.2024v12n2p609-623

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt; ALVES, Ana Paula Menna; WEBER, Carla Beduhn. Subjetividades docentes em tempos de caos: criações. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 11, 2025. DOI: 10.23899/6b6v6q91.